

ENTREVISTA/Eiichi Matsumoto

'Capital japonês não voltará ao Brasil'

MILTON F. DA ROCHA FILHO

SÃO PAULO — Os grandes investimentos estrangeiros não retornarão ao Brasil enquanto o País não pagar os juros da sua dívida externa, afirma Eiichi Matsumoto, Vice-Presidente do Banco de Tóquio. Matsumoto

que esteve durante uma hora com a Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, na última sexta-feira, também não concorda com a idéia do Governo brasileiro, de realizar uma renegociação individual da dívida, banco a banco, que considera demorada e cansativa, e acha que o Brasil po-

deria ganhar tempo negociando através do Comitê Assessor dos Bancos.

O Banco de Tóquio, que já aplicou no Brasil, desde 1965, mais de US\$ 700 milhões, tem assento no Comitê, onde também representa os outros 14 bancos do Sudeste asiático, cujos investimentos no

País, no mesmo período, alcançam US\$ 8 bilhões. Matsumoto esteve no Brasil, no ano passado, chefiando a missão oficial do Ministério de Indústria e Comércio Internacional do Japão (Miti), que veio fazer uma avaliação da situação econômica do Brasil.

Ele deu parecer favorável ao País e não vetou a vinda de novos investimentos privados para cá. Há 20 anos em contato com o Brasil, Matsumoto faz questão de dizer que "o Brasil tem potencial para superar todas as dificuldades".

O GLOBO — Como foi o seu encontro com a Ministra Zélia Cardoso de Mello?

MATSUMOTO — O encontro foi bom. A Ministra tem total apoio do Presidente Collor, com quem estive também. Tem apoio total para a renegociação da dívida externa. Pareceu-me que ela está querendo resolver mesmo o problema. Mas, antes disso, ela me disse ter adotado a postura de primeiro resolver os problemas internos, combatendo a inflação. Agora vai procurar resolver a questão da dívida externa, que eu acho fundamental para o País.

O GLOBO — Sem a resolução da questão da dívida externa não virá dinheiro novo para o País?

MATSUMOTO — Realmente, fica mais difícil a volta de grandes investimentos estrangeiros. É preciso acertar esta questão do pagamento dos juros que o País deve aos bancos comerciais. Mas não podemos dizer que não chegarão ao País novos investimentos.

O GLOBO — Como assim? Há gente querendo investir no País, mesmo sem o pagamento dos juros da dívida externa?

MATSUMOTO — Temos que levar em consideração que há grandes empresas estrangeiras no País, que já têm fábricas instaladas. Estas empresas continuam investindo. As vezes querem até diversificar sua atuação no Brasil. Assim, não deixam de investir.

O GLOBO — O senhor vê possibilidade de investimentos novos em alguns setores?

MATSUMOTO — Acho que há possibilidade de novos investimentos estrangeiros no País, mesmo sem um acordo da dívida externa, no setor de turismo. Por exemplo, em hotéis, no turismo. Acho que é um negócio rendoso. Mas, de uma forma geral, os investimentos estão paralisados e, enquanto não houver uma solução para a questão da dívida externa, os grandes investimentos não retornarão ao País mesmo.

O GLOBO — A redução da inflação também serve para atrair investimentos?

MATSUMOTO — Sem dúvida alguma. Quando há uma grande inflação, os investimentos chegam aqui e se desvalorizam rapidamente. Isto é prejudicial. Com a economia estável, fica mais fácil atrair investimentos. O Brasil está arrumando sua economia internamente e isso é importante.

O GLOBO — Com uma solução para a dívida externa, os grandes investimentos voltariam de imediato?

MATSUMOTO — Voltariam sim. Lembro que a poupança interna do Brasil é insuficiente para o seu desenvolvimento. Existem países na África, na América Central e na América do Sul, que não possuem o potencial do Brasil. Ele é grande e o País pode ter um desenvolvimento em ritmo mais acelerado. Do ponto de vista dos bancos comerciais, hoje o mundo econômico está ficando menor e globalizado. Dentro deste mundo, o Brasil surge como um país com um imenso potencial para o desenvolvimento. Os bancos comerciais querem colaborar para esse desenvolvimento, mas para que isso ocor-



“Os bancos querem colaborar para o desenvolvimento do País, mas para isso é preciso que se negocie o pagamento dos juros da dívida”

ra, é preciso que se negocie o pagamento dos juros. E preciso que essa nuvem negra se dissipe.

O GLOBO — O Brasil, antes de negociar com os bancos, tem que fazer um acordo com o FMI?

MATSUMOTO — A negociação pode ser em paralelo. O Brasil é quem

decide negociar com o FMI. Os banqueiros nada têm a ver com isso. O Brasil é soberano. Não é preciso, portanto, ter o acordo com o FMI para acertarmos a renegociação. Há a necessidade de acelerar o início da conversa com os bancos.

O GLOBO — O que o senhor acha da negociação individual do Brasil com os credores?

MATSUMOTO — Acho que isso é cansativo e demorado. Sinto que o Governo brasileiro quer, através dessa negociação, sentir cada banco, cada país, antes de um acordo final. O meu conselho é que o Governo brasileiro utilize o Comitê Assessor. É mais fácil. Com o Comitê poderá acelerar a negociação.

O GLOBO — O México fez um acordo dentro do Plano Brady e agora não recebe recursos novos de bancos japoneses. Há alguma restrição?

MATSUMOTO — O Plano Brady não é o mesmo para cada país. Há um para as Filipinas, outro para a Venezuela e outro para o México. O Brasil pode ter um Plano Brady diferente. O que acontece em relação ao México é que os bancos não estão querendo dar novos recursos àquele país. É uma decisão independente, de cada instituição.

O GLOBO — Com a crise no Oriente Médio, há o perigo também da elevação das taxas de juros internacionais, a Libor e a Prime Rate?

MATSUMOTO — É difícil prever uma elevação nas taxas de juros internacionais. É preciso esperar um pouco mais antes de chegar a uma conclusão sobre o assunto. O fator tempo é imprescindível para uma análise mais correta. Sabemos que o preço do petróleo pode subir muito, mas não ficará elevado por muito tempo.

O GLOBO — E o Japão, com a crise do Oriente Médio?

MATSUMOTO — É difícil dizer ainda o que ocorrerá com o Japão. O país tem um estoque de petróleo para 140 dias. De imediato, posso afirmar que a economia não sofrerá nada com a crise. Não haverá mudança substancial.

O GLOBO — E as relações comerciais entre o Japão e os Estados Unidos, como estão agora?

MATSUMOTO — Creio que melhoraram. A fase da emoção é que atrapalhou um pouco o relacionamento entre os dois países. Tudo ocorreu por causa do déficit dos Estados Unidos que o comércio bilateral entre os dois países apresentou e apresenta. Em contrapartida, os investimentos japoneses nos Estados Unidos também são elevados. Acho que a tendência é de o relacionamento comercial entre as duas nações melhorar ainda mais.

O GLOBO — O Fundo Nakasone vai ajudar o Brasil?

MATSUMOTO — O Brasil poderá receber recursos do Fundo Nakasone. Há hoje interesse dos Estados Unidos também em promover desenvolvimento na América Latina. Isso é bom, mas é bom lembrar que outra região do Mundo também está atraindo investimentos do Ocidente: o Leste Europeu.

O GLOBO — E os investimentos japoneses no Leste Europeu?

MATSUMOTO — Temos que ajudar o Leste Europeu, sem dúvida alguma. É preciso dar um apoio positivo ao Leste. O Japão e outros países farão isso. Mas a América Latina não será esquecida.